

UMA LEITURA BIOPOLÍTICA DE PINTURAS DA HISTÓRIA DO BRASIL

Manuel Alves de Sousa Junior
Instituto Federal da Bahia - IFBA (Brasil)
Endereço eletrônico: manueljunior@ifba.edu.br

INTRODUÇÃO

A história da arte é repleta de significados e expressões para uma linguagem de entendimento, geralmente, subjetiva. A representação artística é uma forma que o homem encontrou para expressar-se através de suas produções. Existem vários tipos de artes visuais, como pintura, gravura, desenho, escultura, cerâmica, arquitetura, fotografia e cinema. Para este artigo, vamos nos ater em analisar algumas pinturas representativas da história do Brasil sob as lentes biopolíticas.

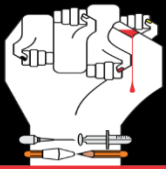
A biopolítica de Michel Foucault foi utilizada como lente teórica para análise das obras de arte: “Primeira Missa no Brasil” de Victor Meirelles em 1861, “Um Jantar Brasileiro” de Jean-Baptiste Debret em 1827 e “A Redenção de Cam” de Modesto Brocos em 1895. Todas são pinturas de óleo sobre tela, exceto Debret (1827) que é uma pintura do tipo aquarela sobre papel.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir de estudos sobre biopolítica desenvolvidos no processo de doutoramento do autor através da participação no grupo de pesquisa Identidade e Diferença na Educação da Universidade de Santa Cruz – UNISC. O trabalho foi motivado e buscou responder o problema: Como pode ser feita uma leitura biopolítica a partir de pinturas que representam a história do Brasil?

Desse modo, a metodologia escolhida foi qualitativa, visto que não existiu a análise de dados estatísticos/números e exploratória, já que possui a premissa de explorar o tema de modo a torná-lo mais explícito ou para constituir hipóteses. A pesquisa também pode ser considerada descritiva, pois identifica as características de determinada população e explicativa, ao tentar identificar os fatores que interferem na ocorrência de determinados fenômenos (BOAVENTURA, 2004). Para atingir este objetivo metodológico foi realizado um extenso levantamento bibliográfico com autores renomados na área em artigos, livros, entrevistas, teses, dissertações e correlatos, além de uma extensa pesquisa em sites e portais jornalísticos confiáveis a fim de identificar

2938



as ocorrências no colapso sanitário causado pela pandemia buscando responder a pergunta e objetivo propostos para este estudo. Todo o trabalho teve como arcabouço teórico a biopolítica proposta por Michel Foucault, além de utilizarmos outros teóricos, como o filósofo camaronês Achille Mbembe.

ANÁLISE BIOPOLÍTICA DE OBRAS DE ARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL

A figura 1 traz a pintura “Primeira Missa no Brasil” de Victor Meirelles (1860). A obra está presente no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro/RJ e traz a curiosa imagem do que seria representada a primeira missa no Brasil realizada pelo frei D. Henrique e demais religiosos auxiliares, realizada em 26 de abril de 1500, domingo de Pascoela, o primeiro domingo depois da páscoa. A imagem é repleta de simbolismos e representa os Indígenas bestializados, pacíficos, serenos, respeitosos e devotos ao catolicismo, o que ainda não havia acontecido à época, como se fosse uma espécie de mito fundador do Brasil (ROSA, 2016).

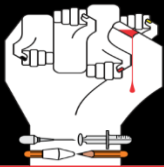
2939



Figura 1 - Primeira Missa no Brasil, Victor Meirelles, 1860. Óleo sobre tela. 2,68 x 3,56m. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes. Fonte: Rosa, 2016.

Ao falarmos de verdade, podemos fazer uma alusão para a condução de condutas, como uma materialidade do poder. Nesse sentido, dialogamos com a segunda obra analisada neste trabalho, a obra “A Redenção de Cam” de Modesto Brocos (1895) representada na Figura 2, na qual, além de tentar transmitir uma verdade, também denota um explícito biopoder, conceito muito utilizado pelo teórico. Para Foucault (1995), a conduta é como um ato de conduzir os outros, com mecanismos de coerção e a maneira de se comportar em um campo mais ou menos aberto de possibilidades. Para o filósofo, o poder, por sua vez, consiste em conduzir condutas.

Para Lotierzo (2013), o artista Brocos (1895) mostra o Brasil almejado pela elite branca intelectual da época, um país que estava embranquecendo. Percebe-se nele uma



senhora, possivelmente uma ex-escravizada retinta dando graças ao Senhor pelo êxito no embranquecimento de sua família. Sua filha, mestiça, sentada com seu neto branco no colo. A fruta na mão da criança representa dias melhores e graças alcançadas.

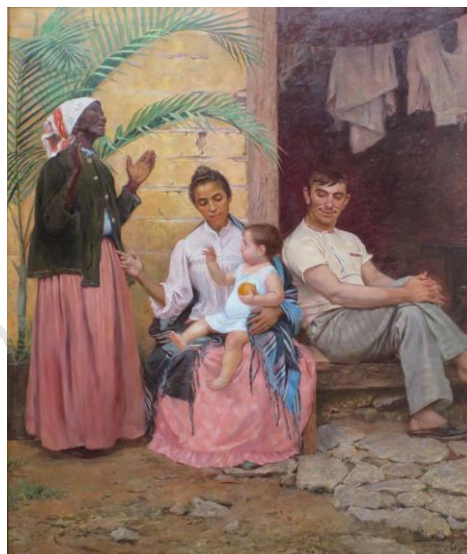


Figura 2 - A Redenção de Cam, Modesto Brocos, 1895. Óleo sobre tela, 199 cm x 166 cm. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes. Fonte: Lotierzo, 2013.

Por trás da idosa saem folhas de palmeiras representando esperança na direção de seus descendentes. O homem branco sentado, marido da mulher mestiça, lança um olhar de satisfação por estar cumprindo o seu papel de branqueamento. Até o chão da imagem tem seu significado: próximo da idosa retinta é apenas chão de barro batido e próximo ao homem é um chão com pedras no calçamento, mostrando o progresso na direção do branco.

A figura 3, traz uma representação típica de uma refeição brasileira sob olhar do francês Jean-Baptiste Debret (1827) que em sua passagem pelo Brasil entre os anos 1816 e 1831 produziu diversas obras de arte representativas do cotidiano da maior colônia portuguesa, entre elas quadros à óleo, aquarelas, esboços diversos a lápis, tinta ou aquarela e gravuras em litografia. Apesar de ser chamada de jantar, possivelmente a refeição acontece no que hoje chamamos de almoço. Naquele tempo, as refeições possuíam nomes distintos aos aplicados atualmente.

Bandeira e Lago (2020) relatam que para Debret era costume no Brasil durante um jantar que o marido se ocupasse silenciosamente dos seus interesses (comer!) e a mulher se distraísse com seus negrinhos, como se fossem cãesinhos de estimação. Filhos de seus escravos, eles ficavam com essa função até os 5 ou 6 anos, quando então eram entregues para os serviços típicos de escravizados.

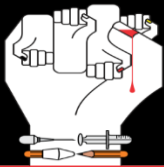


Figura 3 - Um Jantar Brasileiro, Jean Baptiste Debret, 1827. Aquarela sobre papel, 16 x 21 cm.
Rio de Janeiro: Museu Castro Maya. Fonte: Bandeira e Lago, 2020.

2941

Nota-se uma espécie de poder em toda a cena de Debret (1827). Para Foucault (2005), O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. É porque pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. Os brancos exercem um poder sobre a vida dos negros na figura em questão.

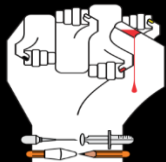
Para o filósofo, o racismo vai se desenvolver junto com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador. Através dos temas do evolucionismo e das teorias raciais do século XIX é que se resolve se é preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações através do biopoder (FOUCAULT, 2005).

Mbembe (2016) por sua vez, propõe um deslocamento do olhar biopolítico, que só se estabelece com o surgimento do conceito de população no século XIX, para a época do escravismo ocidental moderno, que incluía o sistema *plantation*. Para o filósofo camaronês, este processo biopolítico, recebeu o nome de necropolítica, e o seu respectivo poder, de necropoder. Nele o Estado exercia o direito de matar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que as obras de arte possuem um diálogo intenso com o período histórico em que são produzidas. A biopolítica em destaque, pode ser evidenciada nas obras de arte analisadas. Fica evidente, na leitura foucaultiana e mbembeana os grupos de pessoas que podem (e deveriam, segundo os pensamentos de alguns contemporâneos) ser excluídos da sociedade para o bem e para uma melhor vida de outros.

Cada uma das pinturas analisadas pertence a um dado momento da história do Brasil e em todas elas percebe-se nitidamente a mensagem que o pintor desejava



transmitir sem incorrerem em anacronismos. As obras falam. É preciso saber/aprender a ouvi-las. É preciso entender também de que modo falam.

Quando pensamos a reverberação dessas discussões para o cenário brasileiro contemporâneo fica ainda mais evidente o indivíduo que pode ser morto, sem que possa ser considerado um assassinato, os grupos que não geram luto na população, os grupos mais precários dentro da sociedade precária.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte. Biopolítica. Necropolítica. História do Brasil.

2942

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Júlio; LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil: obra completa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2020. 720 p.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004.

BROCOS, Modesto. 1895. **[A Redenção de Cam]**. Pintura, Óleo sobre tela, 199 x 166 cm. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.

DEBRET, Jean-Baptiste. 1827. **[Um Jantar Brasileiro]**. Jean Baptiste Debret, 1827. Aquarela sobre papel. Rio de Janeiro: Museu Castro Maya.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma estratégia filosófica - além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

LOTIERZO, Tatiana H. P. **Contornos do (in)visível: a redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último oitocentos**. 2013. 306 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, dez. 2016.

MEIRELLES, Victor. 1860. **[A Primeira Missa no Brasil]**. 1860. Pintura, óleo em tela, 268 x 356cm. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.

ROSA, Vanessa Costa da. A Primeira missa no Brasil sob o olhar do presente. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, XXXVI., 2016, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: CBHA, 2016. p. 754-765.